

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
2 e 5 de julho de 2022

SILENT RUNNING / 1971

(O Cosmonauta Perdido)

um filme de Douglas Trumbull

Realização: Douglas Trumbull / **Argumento:** Deric Washburn, Mike Cimino e Steve Bocho / **Fotografia:** Charles F. Wheeler / **Efeitos Especiais:** Douglas Trumbull, John Dykstre e Richard Yuricich / **Direcção Artística:** Francisco Lombardo / **Concepção dos robots:** James Daw, Paul Kraus e Don Trumbull / **Música:** Peter Schickele / **Canções:** "Silent Running" e "Rejoice in the Sun" de Peter Schickele e Diane Lampert, cantadas por Joan Baez / **Montagem:** Aaron Stell / **Som:** John H. Newmann / **Consultor Electrónico:** Joseph Byrd / **Consultor Vídeo:** Tom Piuskure / **Interpretação:** Bruce Dern (Freeman Lowell), Clift Potts (Wolf), Ron Pipkin (Barker), Jesse Vint (Keenan), etc.

Produção: Michael Gruskoff para Michael Gruskoff, Douglas Trumbull Productions / **Distribuição:** RANK / **Distribuição em Portugal:** Internacional Filmes / **Cópia:** dcp, cor, legendada eletronicamente em português, 89 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Mundial, a 25 de Janeiro de 1980.

A sessão de dia 2 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Silent Running é um estranhíssimo filme.

Alain Jessua, um realizador francês, relativamente menor, fez um dia uma obra, **La Vie à l'Envers** (1967) que, sem qualquer semelhança temática ou formal, conseguia um ambiente aproximável. Um homem que ia a pouco e pouco desistindo de tudo, até ficar completamente só numa casa abandonada, sem atender ninguém, nem nenhum telefonema, e conseguindo não reagir a qualquer estímulo exterior (mesmo às moscas que lhe pousavam em cima) em completo autismo. "Noite sempre no meu quarto / as cortinas cerradas (...). Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras perguntar como estou / Mas lá no meu quarto é que tu não entres / nem com as melhores maneiras". Era um pouco esses versos de Sá Carneiro ou aqueles outros de Pessanha, "debaixo duma pedra / a rir-me de não me doer nada".

Bruce Dern é da família desses e muitos outros "autistas" (ou que tiveram como atracção abissal sê-lo) mas em circunstâncias mais propícias. "Silent Running" nos espaços, liberto dos companheiros que matou, não tem que rechar, para lá de Saturno, que o telefone toque, que alguém lhe bata à porta, ou que venham às quintas-feiras perguntar como está. Naquela espantosa nave (ou o realizador não se chamasse Douglas Trumbull, o homem que concebeu os mais belos desses "pássaros" e os mais belos destes espaços) tem por única companhia os "robotzinhos" que reprograma e as florestas que leva a bordo, seu único sonho, sua única razão de existir.

Só que esse fantasma de absoluta solidão (a que os psicanalistas têm dado nomes apropriados) nem, para além dos anéis de Saturno, é possível. "This hell of an american" acaba por ser

descoberto, para além de qualquer esperança. E Freeman (de seu nome próprio) que recusara o suicídio quando todos os contactos pareciam perdidos, opta por ele para conseguir cortar a última comunicação. A bordo da nave, o robot mais amado, esse que baptizou de Dewey, continuará a "take good care of the forest" e, de regador de miúdo na mão, viverá por ele (sem memórias importunas) essa experiência de solidão absoluta.

O filme (embora estreado em Lisboa em 1980, depois das **Guerras das Estrelas** e dos **Encontros Imediatos**) é muito anterior a todas as aventuras no espaço. A única obra que lhe serve de precedente é o **2001** de Kubrick, o filme que revelou a grandeza de Trumbull. E, bem sintomaticamente, é também no ano 2001 que se situa esta história, como se o autor quisesse fazer um "raccord" explícito com o filme que o celebrizara.

Só que, muito ao contrário de Kubrick, Trumbull não levou para os espaços nenhum imaginário como o de Clarke, nenhuma história épica, nenhuma ópera, nenhum Zaratusta, e nenhum computador ciumento ou vingativo. Levou apenas a melhor equipa de efeitos especiais jamais reunida (além dele próprio, os seus discípulos Dykstra e Yuricich) um insólito actor (Druce Dern – lembrem-se dele em **Family Plot**?) e três robotzinhos ainda mais estranhos, que são, no género, os "freaks" mais inventados em tal raça. O resto é paisagem (os outros actores, inexistentes e rapidamente eliminados, as peripécias da viagem, até os anéis de Saturno) a não ser precisamente a que o é: o jardim de Dern e a nave, onde o jardim cresceu.

Como acontecerá depois no muito posterior **Brainstorm** (1983) – e as duas obras são até hoje as únicas de Trumbull como realizador – o homem dos mais espectaculares efeitos visuais pareceu apagar-se nos filmes que dirigiu, reduzindo a história a uma "linha recta" e despovoando-a de qualquer dramatismo (mesmo a morte dos colegas não nos causa qualquer emoção especial).

Nesta permanente frustração (o espectador sempre à espera de, e nada acontecendo) reside uma das origens da perplexidade desta obra, sempre perplexiva. Bruce Dern tinha atrás dele (sobretudo da televisão e dum dos mais inquietantes episódios do "Alfred Hitchcock presents") uma imagem de maníaco, perverso, psicótico que o próprio Hitch no já citado **Family Plot** ou Corman acentuaram nos finais dos anos 60 e nos inícios dos anos 70, antes que o actor provasse outra versatilidade. Trumbull explora, com o máximo de ambiguidades, essa imagem. Dern é um psicopata, um louco, ou um sonhador, o único que por guardar a memória da Terra sabe que não há mais maravilhas no espaço que "a simple wonderful leave in his hand"? É um esteta ("no more beauty, no more imagination), um ecologista, um "hippie" sobrevivente, ou um tarado fetichista?

Trumbull mantém-nos sempre nessa indecisão, sem privilegiar qualquer das opções possíveis. Críticos mais apressados pegaram rapidamente na primeira e viram no filme (descontados os planos da nave, que reuniram unanimidade) um monumento de chatice e de boas intenções sentimentais, ao som de Joan Baez, das florestas dos documentários de Walt Disney e dos robots a regarem plantas. Para esses – e **Brainstorm** confirmou-o – Trumbull poderá ser um génio ao serviço de outros, mas é incapaz de contar uma história e dar qualquer consistência a um personagem. **Silent Running** seria uma desilusão total. Os argumentos dos que o consideram "a wonderful film" não são dos melhores e acabam por dar razão aos primeiros, pois acentuam a beleza dos jardins edénicos e a ternura da relação de Dern com os robotzinhos.

Ora, o que mais me surpreende nesta obra, é precisamente como essas possíveis intenções, essa aparente ternura e essa tecni-colorida beleza, funcionam em negativo, como se a imagem se estivesse sempre a roubar a si própria, ou a auto-devorar-se, como sucede com o protagonista.

Dou como exemplo, três sequências:

a) a primeira é logo a da abertura (incluindo o genérico) com aquelas grandes flores amarelas, fotografadas à bilhete postal "piroso" e os bichinhos de documentário propedêutico, até chegarmos

ao primeiro plano do protagonista a tomar banho numa lagoa paradisíaca. Seria de facto insuportável se o plano, como o revela a panorâmica a partir do lago, não fosse um plano subjectivo, ou seja se não estivéssemos já a ver pelos olhos de Dern. Ao contrário das aparências, Trumbull não está no documentário mas no artifício. Se uns brincam aos carrinhos, Bruce Dern brinca aos jardins, não no significado que estes têm para as missões (salvar no espaço o que se perdera na terra) mas no significado que só tem para ele (criar um espaço lúdico diferente, já que os outros passatempos – corridas, poker, bilhar, o não divertem). Aquilo é o seu reino, que, ao contrário do monarca de Shakespeare, não trocará por nada, e muito menos pela nave. Quando os outros invadem o jardim e vemos os túneis, o décor, os robots (ou seja, a panóplia visual mais admirável do filme) uma e outra ordem de imaginário anulam-se. Os céus já têm jardins suspensos a mais; os jardins já têm artifícios de sobra. "The last garden" sobrepõe-se ao "first sky" e vice-versa, introduzindo-se equivalente disjunção no mundo cópia da natureza e no mundo cópia da técnica. Disjunção que igualmente separa o protagonista de todos os seus colegas.

Até à morte destes, o filme mostra esse mesmo movimento de vai-vem: rouba-nos o espaço pelo jardim e o jardim pelo espaço. indefine-se.

b) A segunda sequência de que queria falar é a que precede a travessia de Saturno, quando Lowell comunica pela (pen) última vez com a terra. O assassino (já o é) vale-se da sua solidão para inventar a tese do acidente. Mas só se salva a si próprio (sequência da operação) para cumprir uma missão suicida (ou que tem grande probabilidade de o ser). Não é a sua vida que defende, mas a do jardim, que ninguém ainda pode velar por ele (para arranjar um "herdeiro" ocupará o resto do seu tempo). E a grande maravilha (a travessia dos anéis) é devorada pela precisão técnica e hiper-documental (se não relevasse, ela própria da pura ficção) da operação feita pelos "robots". Quando o espaço do espectacular e da dramaticidade se podiam abrir mais (única sequência de vago "suspense" da obra) é quando mais apertadamente se cerram, em torno dum grande plano numa perna ferida e dos bisturis dos robots. É a seguir que a "voz do exterior" o chama pelo primeiro nome (que até aí ignorávamos): Freeman (homem livre). Para logo lhe dizer "you're a hell of an american". Contracampo e em grande plano, mais ambíguo do que nunca, Bruce Dern responde: "I think I am".

c) Mas a memória (os insólitos inserts) não deixam Bruce Dern. E quando este é descoberto, descobre simultaneamente que dela não mais se livraria e que é a sua posição (sombria, no sítio onde a luz não chega) que está a fazer morrer a floresta. Dern foi o causador do écran que se interpõe entre ele e a sua criação. Só lhe resta destruir o último humano (ou seja, destruir-se) e acendendo as luzes artificiais, deixar que projectores e máquinas (o robot preferido) iluminem para sempre o que ele só podia escurecer. E se o esplendor do plano dos projectores acesos é "engolido" pelo da sua morte, o imaginário do desenho animado do robot a regar é engolido pelo final numa nave mais acesa e gloriosa do que nunca. Uma nave já só feita de luz, donde a espessura e a fissura foram expulsas.

Não sei se é ou não por isto que um recente inquérito crítico dava a **Silent Running** (ex-âqueo com **Invasion of the Body Snatchers** (o de Siegel, evidentemente), **Metropolis** e **War of the Worlds**) o terceiro lugar na lista dos melhores filmes de "fc" de sempre, só precedido por **2001** e **Close Encounters**.

Por mim, confesso-me em alguma obscuridade e alguma perplexidade. Só posso acabar como comecei: **Silent Running** é um estranhíssimo filme. Um imenso apelo, uma imensa distância.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico